

A CULPA É NOSSA

A conclusão do quinto relatório do IPCC, órgão de estudos climáticos da ONU, estabeleceu como meta a elevação de no máximo 2 graus na temperatura global até o fim deste século. A seguir, como esse aumento se distribuirá pelo planeta e quais serão os danos, mesmo em um cenário positivo, no qual se espera o corte total das emissões de CO₂ até 2100



AMÉRICA DO NORTE

Efeitos: altas temperaturas e secas causarão incêndios, perda de biodiversidade e mortes; regiões costeiras terão tempestades, enchentes e ciclones

EUROPA

Efeitos: a elevação do nível do mar provocará inundações; no extremo sul, será o contrário, haverá secas

AMÉRICA CENTRAL E DO SUL

Efeitos: enchentes e proliferação de doenças transmitidas por insetos; no Brasil, o aquecimento na Amazônia pode transformar a floresta em uma savana

ÁFRICA

Efeitos: diminuição de chuvas e intensificação de secas

Escalada do carbono

As emissões de dióxido de carbono (CO₂) crescem exponencialmente. A taxa de aumento continua alarmante: 2,5% ao ano

Emissão de CO₂ (em toneladas)

198 MILHÕES

1850

O que impulsionou o aumento

Revolução Industrial

O maior emissor

INGLATERRA

População mundial

1,2 bilhão



1,3 BILHÃO

1890

Chegada da industrialização a países fora da Europa

ESTADOS UNIDOS

1,5 bilhão

3,8 BILHÕES

1930

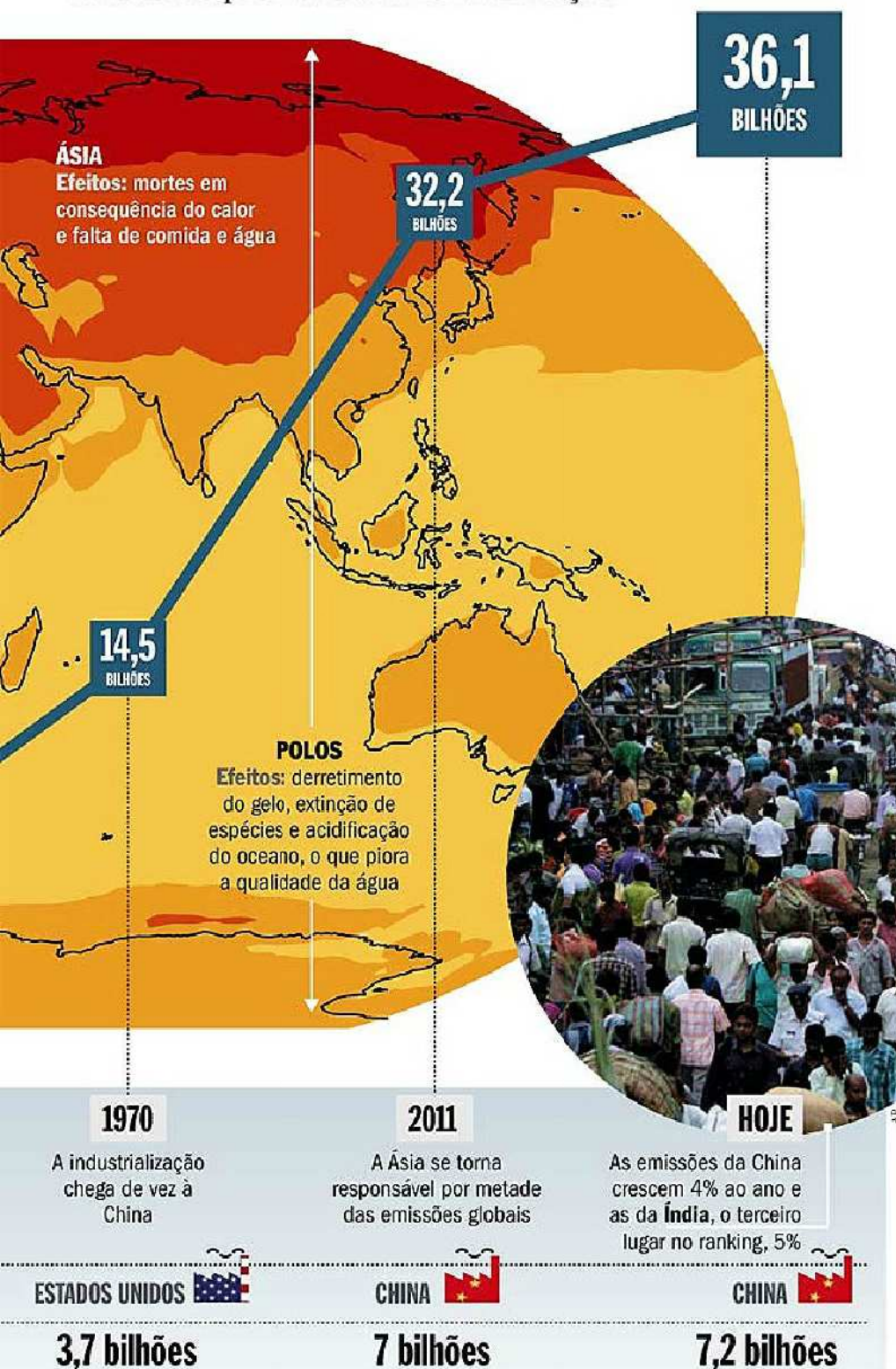
Início da industrialização em países em desenvolvimento

ESTADOS UNIDOS

2 bilhões

O mais contundente estudo sobre as mudanças climáticas conclui, em definitivo: a ação do homem aquece o planeta e, com isso, o destrói. Mas ainda podemos reverter a situação

RAQUEL BEER



A última parte do quinto relatório do Painel Internacional de Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU, reafirma, desta vez com ainda mais dramaticidade, quão severas são as consequências para o planeta dos excessos do comportamento humano. Lançado na semana passada, o documento, com ênfase nos efeitos do aquecimento global, conclui um trabalho realizado por mais de 800 pesquisadores de todo o mundo ao longo de cinco anos. Sobressaem três pontos fundamentais. Primeiro: os milhares de dados que relacionam ações do homem às mudanças climáticas tornam inegável nossa culpa no descompasso do planeta. O IPCC afirma que a probabilidade de essa informação estar correta é de 95%. Segundo: apesar da saudável e sensata cultura de sustentabilidade que se espalhou na sociedade, tanto na iniciativa privada quanto na pública, continuamos a aumentar o ritmo de emissão de dióxido de carbono (o CO₂), o grande vilão da história, a uma taxa alarmante. Terceiro: é preciso cortar entre 40% e 70% das emissões globais até 2050, e em 100% até 2100, para assegurar um futuro suportável.

Disse o climatologista indiano Rajendra Pachauri, presidente do IPCC: "Para evitar o caos, sabemos que temos de mudar de forma drástica. Há pouco tempo pela frente antes que não tenhamos mais a oportunidade de permanecer abaixo dos 2 graus de aquecimento".

Mesmo nesse cenário de menos de 2 graus, a esperança de Pachauri (e de todos os que prezam pela saúde do planeta) para o amanhã, haverá consequências (veja ao lado). Felizmente, os estragos são mitigáveis. Se continuarmos a emitir CO₂ na quantidade atual, estima-se que a temperatura global se eleve em 4,8 graus até o fim do século. Isso faria diminuir a produção agrícola mundial a ponto de a fome se espalhar (o cultivo de soja na região amazônica, por exemplo, teria uma queda de 44% da produção até 2050, e seria impos-

sível plantar café no sudeste do país até o fim do século). O ritmo de extinção de espécies de animais e vegetais assumiria contornos irreversíveis. Em 2080, o número de pessoas sem acesso a água potável de qualidade se tornaria 38% maior do que era na década de 80. Em locais onde tempestades seriam intensificadas, como no Brasil, as enchentes se multiplicariam. Soa apocalíptico, e talvez seja mesmo, se não houver um freio, ancorado nos extraordinários avanços da pesquisa científica em busca, sobretudo, de fontes alternativas de energia.

“Mesmo se as emissões de CO₂ cessassem hoje, sofreríamos”, disse a VEJA o climatologista peruano José Marengo, do IPCC. O Ártico deve ver sumir espécies endêmicas da região, um dos atalhos para a mudança definitiva do ecossistema. Áreas da Amazônia devem se transformar em savanas similares às africanas. A acidificação dos oceanos já destrói recifes, que podem desaparecer quase que por completo. E esse é o cenário ameno, ao qual só chegaremos com o corte total de emissões de gases de efeito estufa ainda neste século. Mas, afinal, é possível

atingir esse objetivo, em uma sociedade tão dependente da queima de combustíveis fósseis? O relatório do IPCC, apesar das tintas sombrias, é otimista.

Para atingir a meta, é necessária uma mudança de cultura e de comportamento de governos, e também de indivíduos. Já há tecnologias capazes de implementar fontes de energia alternativa em larga escala. Segundo a Administração de Informação de Energia dos Estados Unidos, todo país do mundo tem ao menos um recurso renovável abundante que poderia ser usado. Um relatório do órgão prevê que essa é a situação dos próprios Estados Unidos, o segundo maior emissor de gases de efeito estufa. Se seguirem planos sustentáveis, os americanos devem dobrar o uso de energias solar, eólica e geotérmica até 2040. A China, o maior emissor, agora lidera também em investimentos em fontes renováveis. No ano passado, injetou 56,3 bilhões de dólares em obras nesta área, o equivalente a 61% dos gastos de países emergentes. No Brasil, a meta será atingida apenas se o mal maior, o desmatamento, especialmente o da Amazônia, for interrompido.

Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, deixou um recado: “A ciência se pronunciou, o tempo não está ao nosso lado e os líderes devem agir”. Na primeira semana de dezembro, os governantes se reunirão em uma nova edição da Cúpula do Clima (COP), no Peru, para definir políticas sustentáveis. O evento é anual, mas a expectativa é grande, porque se construirão ali as linhas gerais do tratado a ser assinado em 2015 na Cúpula de Paris, substituto do Protocolo de Kyoto, publicado nos anos 90 e que regula as emissões globais de gases de efeito estufa.

Mesmo diante das evidências, muitos cientistas ainda defendem a tese de que o aquecimento não é causado pelo homem, mas sim por ciclos naturais da Terra. Ressalte-se que as medidas cautelosas que pretendem conter as mudanças climáticas são benéficas de qualquer forma. Agir com responsabilidade é um generoso aceno a todos os ecossistemas, à manutenção da qualidade de reservas de água (cada vez mais escassas) e do ar que respiramos. O zelo ambiental faz a sociedade mais rica tecnologicamente. Cuidar é sinônimo de inteligência. ■

NÉVOA MORTAL
Cena comum na China: o país, o maior emissor de CO₂ do planeta, sofre com a poluição e o calor excessivo



ZHONG YAN/JAP